

A Coluna do Kina

MITOS BIOLÓGICOS

Biological myths

Sidney Kina

Como podemos diferenciar aquilo que é biologicamente determinado daquilo que as pessoas apenas tentam justificar por meio de mitos biológicos? Essa é uma das tantas perguntas instigantes e apimentadas de Yuval Noah Harari, um dos maiores pensadores da nossa época. Essa é uma daquelas perguntas enigmáticas, que trazem à tona grandes questões do *homo animal* e do *sapiens* pensante. Um bom exemplo é a confusão entre sexo e gênero. Enquanto sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, ou seja, algo relacionado com feminino e o masculino, o gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem. Assim, biologicamente, sexo é, em regra, algo fixo. A humanidade está dividida em sexo masculino, com um cromossomo X e um Y, testículos e muita testosterona, e sexo feminino, com dois cromossomos X, um útero e muito estrogênio. Já o gênero, “homem” e “mulher”, são categorias sociais, não biológicas. Muito embora, na maior parte das culturas humanas, homens sejam do sexo masculino, e mulheres do sexo feminino, essa correlação é de caráter totalmente social. No Brasil, por exemplo, se reconhecem pelo menos 17 gêneros. As diferenças de gênero são marcadas por uma grande variação de papéis e atributos em função da cultura e do tempo em que se vive, especialmente por distinção sociológica. O mais interessante disso é que a maioria das distinções são baseadas em mitos que utilizam a natureza como máscara para justificar sua lei. Por exemplo, ainda hoje, para muitas sociedades, é natural a mulher amamentar a prole e criar os filhos. Ora, podemos entender que, por atributos naturais, cabe à mulher amamentar, mas criar os filhos não é uma regra natural, e, sim, uma condição social marcada na maioria das culturas (naturalmente homens podem muito bem assumir ou pelo menos ajudar na criação dos filhos). Assim, toda sociedade é marcada por mitos biológicos, que proíbem o que não é natural e obrigam a cumprir apenas o que se diz natural. Entretanto, de uma perspectiva biológica, não existe nada que não seja natural. Tudo o que é possível é, por definição, também natural. Algo que vai contra as leis da natureza simplesmente não teria como existir e, por consequência, não necessitaria de proibição

ou obrigação. Nenhuma cultura jamais se deu ao trabalho de proibir ou obrigar que pessoas do sexo masculino amamentassem seus filhos. Mitos biológicos, portanto, não são baseados em conceitos do que é “natural” e “não natural” sobre princípios biológicos, mas em teorias e crenças culturais, estéticas, sociais e religiosas. Dentro desse preâmbulo, devemos entender que muitos dos preconceitos ao longo da história passam pela crença do mito biológico.

Na odontologia, por exemplo, durante anos seguimos o mito de um padrão de oclusão ideal. Acreditava-se – ou acredita-se – na existência de um padrão único, biologicamente correto. Um padrão de mastigação, com menor propensão a distúrbios oclusais, desgastes dentários patológicos, entre outros problemas. Não se observava isso como um preconceito científico/cultural, mas, sim, como uma realidade biológica e, dessa forma, por si só justificada. Assim, durante muito tempo, em nome de um padrão oclusal natural, tratamentos ortodônticos e reabilitadores eram – são – realizados sobre o dogma de um padrão ideal, de classe I, das chaves de canino, das guias anterior e de lateralidade de grupo *versus* função canina, do alinhamento ortodôntico perfeito, da oclusão cúspide/fossa *versus* cúspide/crista marginal, entre outros tantos dogmas da oclusão ideal. Entretanto, devemos entender que a dentição humana e sua oclusão são um produto de um processo evolutivo que ocorre há pelo menos 30 milhões de anos. As dentições e o sistema mastigatório foram se adaptando, cada qual com suas configurações dentárias distintas, com uma variação normal da forma esquelética e oclusal, evidentes no presente, portanto uma variação anatômica natural entre diferentes possibilidades funcionais. Assim, a descrição de uma dentição com um padrão oclusal ideal parece um tanto utópica. Aos olhos da natureza, as variações oclusais são, por assim dizer, naturais. Logo, na atmosfera acadêmica de transparência da atualidade existe a necessidade de redefinir os conceitos terapêuticos aceitos, em um contexto da melhor evidência disponível. A falta de conhecimento do passado frequentemente envolvia as terapias em mitos biológicos, como filosofias e conceitos terapêuticos gna-

tológicos “naturais”, que, por falta de evidências, não podiam ser provados, porém também não podiam ser refutados, o que trazia uma mística a disciplinas que as envolviam. Felizmente, a evolução científica e o suporte em evidências (especialmente clínicas) estão levando a uma mudança no paradigma, declinando consideravelmente a ideia de um único padrão de oclusão ideal. Muito do que fazemos – se não tudo – deve trabalhar sobre uma condição de flexibilidade, considerando uma natureza não matemática, nem linear. Deve-se entender, portanto, que muito de um tratamento odontológico é ditado por convenções sociais, culturais e estéticas, e não por padrões necessariamente naturais. Aceitar, por exemplo, que dentes alinhados são mais bonitos que dentes desalinhados, e não necessariamente mais funcionais, e que, portanto, para a natureza tanto faz, é um exercício de sabedoria e humildade.

O ser humano se enraíza no animal e se diferencia dele pelo seu conteúdo biológico e cultural, e pela influência de uma sobre a outra.

Um patrimônio único, complexo e extraordinário.

PARA SABER MAIS

Évelyne Heyer. Uma incrível história do homem. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Porto Alegre: L&PM; 2019.

Martin Gross. The science and art of occlusion and oral rehabilitation. Chicago: Quintessence; 2015.

Yuval Noah Harari. Sapiens: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM; 2018. (Vale ser lido e relido).



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br